

Novo Estilo, Novos Personagens: Uso de Fontes nas Colunas Políticas de Eliane Brum¹

Ana Resende QUADROS²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Em 2019, primeiro ano da gestão de Jair Bolsonaro, a reconhecida jornalista Eliane Brum decidiu mudar de gênero. No lugar de suas colunas com traços de jornalismo do “desacontecimento” com traços do jornalismo literário, ela se volta para o jornalismo político. Mas seria possível alterar o estilo e seguir trabalhando com fontes e personagens invisibilizados pela sociedade? Para responder a essa pergunta este artigo fará uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin as colunas publicadas por Elaine Brum em 2019 no El País.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Jornalismo Político; Gêneros Jornalísticos; Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

O Jornalismo é uma área marcada por transformações. Se, a princípio, a área estava intensamente ligada ao debate político (HABERMAS, 1984), do século XX até hoje o jornalismo se ligou às teorias positivistas e tenta passar as impressões de imparcialidade e objetividade por meios de rituais estratégicos (TUCHMAN, 1996), mesmo que a política nunca tenha de fato saído dos periódicos.

Ao longo do tempo, também tiveram jornalistas que investiram em estilos menos ligados à objetividade e com uma parcialidade explícita, como os do estilo Jornalismo Literário. Esses repórteres tentavam incluir elementos da literatura para criar relatos mais profundos e humanos no jornalismo (PENA, 2013). Vários estilos surgiram dentro deste gênero, incluindo o Jornalismo do Desacontecimento, proposto por Eliane Brum.

A jornalista gaúcha é uma das mais premiadas do Brasil. Seu estilo propõe dar destaque àqueles que são esquecidos pelo noticiário e para a sociedade, chamados por ela de invisíveis. A reportagem de Brum descreve os espaços, os objetos, as personagens,

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação no PPGCOM - UFJF, e-mail: anarquadros@gmail.com.

imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida para que o leitor faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”, quebrando, segundo Fonseca (2013), as barreiras do Positivismo.

Contudo, em 2019, Eliane Brum ganhou o prêmio Comunique-se na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuam na editoria de política nacional. Esse fato dá origem a algumas perguntas, como: é possível conciliar o Jornalismo Literário e do Desconhecimento com o Jornalismo Político? E será que, ao adotar este novo estilo, Eliane Brum continua a utilizar as pessoas “invisíveis” como fonte?

Para responder a estas perguntas, este artigo recorreu a uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011). Esta técnica busca verificar os elementos constitutivos de um documento com o objetivo de encontrar padrões e produção de inferências. Na definição mais corrente hoje, a análise de conteúdo envolve tanto uma análise quantitativa quanto qualitativa. Essa é a principal diferença entre a análise de conteúdo e outros métodos de interpretação. A quantidade pode revelar conteúdos que serão interpretados posteriormente. A primeira medida é selecionar categorias de análise (rubricas significativas). Por tratar-se de um artigo, será feita a análise de uma única rubrica: “fontes e personagens” e serão analisadas as 26 colunas publicadas por Brum no jornal El País em 2019.

ORIGENS DO JORNALISMO

Para Melo (1985), é possível elencar quatro pilares do jornalismo: a atualidade, a difusão, a periodicidade e a universalidade. Observa-se que entre os pilares citados não se encontra o acontecimento. De acordo com o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, “Atual” é aquilo que existe no tempo presente, enquanto “Acontecimento” é um fato, um evento.

Isso explica porque foram consideradas as primeiras manifestações de jornalismo, no século XV, os textos publicados em panfletos que visavam a propagar ideias políticas. Essa primeira fase do jornalismo, que durou até o século XVII, foi chamada por Habermas (1984) de imprensa artesanal ou informativa, uma vez que os jornais funcionavam mais como classificados, divulgando notas sobre casamentos, nascimentos, mortes etc. Essas publicações se assemelhavam aos classificados da atualidade e, apesar da parca presença das notícias como as entendemos hoje, essa fase simbolizou uma mudança no polo da

informação. Isso porque até aquele momento, segundo o autor, cabia aos sacerdotes a disseminação de informações, fazendo predominar, até aquele momento, a lógica religiosa.

Segundo Melo (1985), foi apenas com a ascensão da burguesia que o chamado “autêntico jornalismo” surgiu a partir do século XVIII. Foi nesse momento que se compreendeu a informação como um importante instrumento político. Predominou-se, então, o estilo francês de fazer jornalismo, opinativo e incentivador do debate, em detrimento do estilo inglês, com tendências informativas para evitar a censura.

Foi nesse período marcado por jornais como um espaço de debate e embates entre a burguesia e a aristocracia que esse tipo de publicação começou a ser produzido em massa. O motivo era a ambição dos burgueses de tomar o poder dos aristocratas. Para tanto eles passaram a usar os jornais para difundir suas ideologias. Habermas (1984) chamou de “imprensa político-literária” o jornalismo que foi feito durante os séculos XVIII e XIX.

Porém, desde o fim do século XIX o jornalismo começa a se aproximar do que conhecemos hoje. É nesse período que, acompanhando a tendência de outros setores, os jornais tornam-se grandes empresas e passam por uma concentração. Se na segunda fase havia uma ênfase no debate político, que tinha até mesmo um fim pedagógico, na terceira fase, com a burguesia estabelecida no poder, os jornais passam a priorizar o lucro (HABERMAS, 1984).

Essa maneira de se fazer jornalismo, pautada pela objetividade, desconectado de entidades políticas e mais ligado à lógica de mercado, ficou conhecida como modelo americano. Foi nesse momento que se assumiu o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é.

Para atingir esses objetivos, os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Assim, o jornalismo vai de fato assumindo uma identidade marcante contrária à dos produtos de ficção e fantasia. [...] Com tais credenciais, ele participa ativamente da crença de ser um reformador social, adquirindo, na vigência democrática, o estatuto de vigilante do poder político e de porta-voz da sociedade. Assim, o jornalismo passa a formular a respeito de si próprio um discurso que o associa ao compromisso de “dizer sempre a verdade e nada mais que a verdade” (BULHÕES, 2007, p. 23).

Tuchman (1996) aponta alguns rituais estratégicos utilizados pelos jornalistas para passar ao espectador ou leitor uma aparente objetividade e assim legitimar o discurso jornalístico. Dessa forma, o público deixaria de lado suas barreiras e incorporaria o discurso midiático sem questionamento.

Dentre os pontos citados por ela estão a apresentação da possibilidade de conflito, que acontece quando o jornalista entrevista várias pessoas sobre um determinado assunto. Quando os entrevistados têm visões coincidentes sobre o tema, é gerada uma ideia de verdade sobre o que foi dito. Pode-se ainda somar provas auxiliares, ou seja, documentos e dados que possam ratificar o que foi dito pelos entrevistados.

Mesmo citações podem ser usadas de forma judiciosa, como explica Tuchman (1996). Para não fazer uma afirmação, o jornalista pode usar em seu texto a fala de outra pessoa. Mesmo que outros elementos do texto possam questionar o que foi dito, uma outra estratégia pode ser empregada para que o leitor tenha a impressão de que uma opinião é mais relevante que a outra: a organização do texto. A escrita jornalística, como lembra a autora, é feita no formato de pirâmide invertida, no qual as informações mais relevantes são dadas primeiro e as menos importantes são deixadas para o fim do texto. Essas características que permitiram ao jornalismo um tom de verdade, de objetividade e de imparcialidade deram um grande poder a este campo.

Para se colocar no jogo midiático, é necessário seguir as suas regras. Gomes (2004) escreve que uma das maneiras mais efetivas de se introduzir na mídia é utilizando os critérios de noticiabilidade. É o extraordinário, somado ao belo, que vai chamar a atenção da imprensa e do público. Portanto, a política arranja para que seus fatos sejam impactantes e atrativos, um verdadeiro show, um espetáculo. Por essa razão é comum ver comícios que contem com apresentações de artistas.

Existem cada vez menos notícias espontâneas do mundo da política, fatos que não tenham sido pré-fabricados para atrair o olhar dos noticiários. Ao mesmo tempo, os próprios jornalistas se encarregam de criar narrativas dramáticas para o cenário político, criando mocinhos e vilões, ou, como é mais comum, caracterizando todos os atores políticos como mal-intencionados e o próprio jornalista como o arauto da verdade (GOMES, 2004).

JORNALISMO LITERÁRIO

A construção da narrativa política, como apresentada pelos autores, muito se assemelha aos enredos literários. A razão disso é que, mesmo com espaço restrito dado ao caminho positivista tomado pelo jornalismo, a literatura nunca esteve totalmente apartada dos jornais. Aos textos que unem características da literatura e do jornalismo foi dado o nome de Jornalismo Literário. Essa modalidade serve como alternativa aos repórteres que querem fazer um jornalismo diferente do que tem sido visto hoje.

Segundo Pena (2013), o Jornalismo Literário volta às raízes do jornalismo diário, utiliza de seus saberes e técnicas para criar um jornalismo mais profundo. Ainda é crucial a apuração rigorosa dos fatos, somada à observação atenta (que não poderia ser feita por telefone), mantendo sempre a abordagem ética.

Pena (2013) explica que os relatos presentes nos textos devem transcender o cotidiano. O jornalismo incorpora a perenidade da literatura. O fato não precisa ser uma novidade. No Jornalismo Literário importa que o texto proporcione ao leitor uma visão ampla da realidade. Para isso, a contextualização deve ser o mais abrangente possível. O autor deve relacionar as informações, compará-las, mostrá-las sobre outras perspectivas.

Entre os critérios de noticiabilidade do jornalismo literário está, em primeiro lugar, a cidadania. Os temas escolhidos devem contribuir para a formação do leitor como um cidadão e trabalhar para o bem comum.

O texto exige criatividade em sua construção. É preciso fugir da fórmula jornalística de escrita e buscar na literatura maneiras de tornar a narrativa mais atraente. A busca por pessoas comuns e por fontes não tradicionais pode ajudar nesse quesito, além de ampliar os pontos de vistas abordados.

Tais características são as sete pontas da estrela do Jornalismo Literário apontadas por Pena (2013): a potencialização dos recursos do Jornalismo, ir além dos limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, buscar novas fontes para entrevistas, fazer um lead diferenciado, proporcionar visões amplas da realidade e, sobretudo, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

A OPINIÃO NO JORNALISMO

O jornalismo literário não tem medo em admitir sua parcialidade, não é à toa que muitas vezes textos desse gênero se encaixam nas seções de opinião dos jornais. Melo (1985) escreve que o jornalismo opinativo guarda semelhanças com o jornalismo pré-

industrial. Para o autor, esse gênero pode abrir espaço para a circulação de diferentes pontos de vista à medida que ele se origina de quatro núcleos: o da empresa, o do jornalista, o do colaborador e o do leitor. É comum, no Brasil, que gêneros opinativos como o comentário, a crônica ou a resenha sejam chamados de colunas, pois esse termo é entendido como todas as seções fixas do jornal.

Coutinho (2005) ressalta a possibilidade de encontrar diferentes modelos de coluna dentro de um mesmo jornal, podendo ser escrita no formato de pequenas notas e um texto introdutório e outra com o tamanho mais próximo do de uma reportagem. Ademais, com a ascensão do gênero as colunas passaram a também poderem ser escritas por colaboradores não titulares, já que com a personalização da notícia valeria mais a identidade do transmissor do que a informação em si.

Uma possível resposta para a popularização das colunas seria, como explica Castilho (*apud* Coutinho, 2005), a necessidade de ordenação da avalanche de notícias causada pela massificação da informação. Assim as colunas teriam o papel de destacar o que é importante dentro do noticiário, em especial no campo da política.

Coutinho (2005) observou que existe uma tendência de as colunas pautarem o próprio jornal. Segundo a autora, as colunas, frequentemente, antecipam os fatos, uma vez que elas são tidas como relevantes na formação de opinião do público. Em sua pesquisa Coutinho relata experiências de repórteres que se tornaram colunistas e passaram a ter uma melhor relação com as fontes, ainda que estas passassem as informações em off. Alguns colunistas contam que até mesmo o público passou a fazer mais contato com eles para pedir informações e tirar dúvidas.

Ao entrevistar parlamentares que tiveram seus nomes citados nas colunas estudadas por Coutinho (2005), a autora percebeu que também os políticos acreditam se pautar pelas colunas, ainda que não possa ser medido até que ponto as colunas realmente interferiram em suas ações.

Com o olhar direcionado às colunas jornalísticas de notas, seu processo de produção e recepção, é inevitável o reconhecimento de seu papel de referência não apenas no que diz respeito ao espaço público aqui considerado genericamente, mas sobretudo na relação com os próprios profissionais da imprensa. Área de status valorizado por leitores de um modo geral e também por fontes da arena política, como evidenciado nas entrevistas, as colunas e, conseqüentemente seus responsáveis, ocupam uma posição de destaque nessa dinâmica do fazer jornalismo diário (COUTINHO, 2005, p.90).

Para a autora as colunas podem fazer uso de estratégias que não são permitidas ao jornalismo diário e isso vai além da possibilidade do autor de expressar sua opinião. Em

verdade, segundo Coutinho (2005), as colunas podem ser consideradas como um “parlamento de papel”, ocupando uma posição de destaque no jornal impresso.

A importância das colunas foi levada para a internet por intermédio dos blogs de opinião mantidos por jornalistas reconhecidos. Essa categoria ganhou força a partir de 2005, quando estourou o chamado escândalo do mensalão. De acordo com Aldé et al (2007), os jornalistas-blogueiros ganharam um papel de autoridade sendo vistos como aptos para pautar o debate público e para desvendar os bastidores do mundo da política, assim como ocorria com os colunistas dos jornais impressos. Para os autores a possibilidade de atualização imediata proporcionada pela internet torna os blogs ainda mais atrativos. Ademais, a participação dos blogs na construção das narrativas dos escândalos políticos os caracteriza como um “híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal” (ALDÉ et al, 2007, p.31).

Outro ponto que aproximam os blogs das colunas é a relação mantida com os políticos, que servem como fonte de informação. Por outro lado, diferente do que ocorre com as colunas políticas, os blogs têm destaque nos portais jornalísticos, que, como apontam Aldé et al (2007), remetem a eles em suas primeiras páginas.

QUEM É ELIANE BRUM

Eliane Brum está entre os jornalistas que não tem medo de expressar suas opiniões claramente. Ao longo de seus mais de trinta anos de carreira Brum se propôs a enxergar o invisível aos olhos comuns e fazer reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários. Segundo ela “o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia*” (BRUM, 2006, p. 187).

Seria esse olhar que a permitiria dar espaço aos que não têm voz, contando histórias nunca antes escritas ou dando um novo ângulo a temáticas que são sempre tratadas da mesma forma. Brum diz passar a desconfiar dos heróis e só achar graça neles quando se aproximam do humano. Para a jornalista um olhar que não é ingênuo, é capaz de ver o extraordinário no ordinário e o comum no incomum. Ela explica ainda que, antes de se enxergar o extraordinário nos outros, precisa-se vê-lo em si mesmo. “Quem é capaz de olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro” (BRUM, 2006, p. 188).

Fonseca (2013) observa que a jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo. Brum dá a voz ao outro por meio de seu olhar. Ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro, não escondendo sua parcialidade.

Essa proposta marcou a carreira de Brum como repórter e estava presente em seus três primeiros livros: *Coluna Prestes o avesso da lenda* (1994), *A vida que ninguém vê* (2006) e *O olho da rua* (2008). As reportagens foram em parte deixadas de lado a partir de 2010, quando ela passou a atuar como cronista freelancer da *Época*. Mais tarde, em 2013, a jornalista também publicou uma coletânea de crônicas no livro *Menina Quebrada*. Entre seus outros livros estão a autobiografia *Meus Desacontecimentos* (2014), a ficção *Uma, Duas* (2011) e *Brasil, construtor de ruínas* (2019).

A jornalista também já produziu cinco documentários. O primeiro deles, *Uma história Severina*, que estreou em 2005, abordava o polêmico tema da interrupção da gestação em caso de anencefalia e ganhou 17 prêmios nacionais e internacionais. Além disso, é uma das diretoras do primeiro documentário brasileiro da Netflix, *Laerte-se*, que aborda a vida da quadrinista Laerte depois de ter se revelado mulher.

Desde novembro de 2013, Eliane Brum assina uma coluna quinzenal no site do jornal global *El País*, que é publicada tanto na versão brasileira quanto nas versões espanhola e latino-americana do portal jornalístico. Além disso, Brum também é colaboradora do jornal britânico *The Guardian* e desde 2018 escreve quinzenalmente para a versão impressa do *El País* de Madri.

Os textos de Eliane Brum são bastante populares no *El País*. De acordo com dados conseguidos por Vivar e Abib (2018) com o jornal. Os 10 textos mais lidos de Brum em 2016 tiveram mais de um milhão de acessos únicos naquele ano. O texto mais lido, ainda de acordo com a pesquisa de Vivar e Abib (2018) teve mais de 200 mil acessos únicos.

A postura de Eliane Brum é bastante compatível ao do importante jornal espanhol, que sempre é associado ao progressismo. Apesar disso, o *El País* – surgido em 1976, logo após a retomada da democracia na Espanha – se propunha a não ser nem de direita nem de esquerda e sim um jornal plural que atraísse jovens leitores. Juan Luiz Cebrián, seu fundador, queria, com esse discurso de imparcialidade, conquistar o respeito tanto das elites quanto pelas pessoas comuns, tornando-se um importante fundador de opinião (ARIAS, 2017).

Devido aos anos de repressão vividos pela Espanha no período franquista, quando os espanhóis não conseguiam ter acesso às informações do restante do mundo, o *El País* decidiu dedicar grande parte de suas páginas às coberturas internacionais. Até hoje o jornal conta com um amplo grupo de correspondentes internacionais. Apesar de se afirmar totalmente imparcial, Arias (2017) explica que o *El País*:

Sempre foi, e continua sendo, um jornal comprometido com a democracia e a defesa das minorias marginalizadas. Um jornal laico, que sempre defendeu a separação entre a Igreja e o Estado. Liberal na economia, progressista no campo social, crítico em relação aos poderes civis e religiosos, fiel na defesa dos direitos humanos. E, sobretudo, plural em suas ideias. Algo que sempre esteve claro para todos nós, que trabalhamos nele, é que o EL PAÍS é dos leitores. De todos. São eles os seus verdadeiros proprietários. Os jornalistas são apenas os mediadores da notícia (Ibid).

O *El País* chegou ao Brasil em novembro de 2013, cerca de uma década depois da versão americana. Hoje, como afirma Jiménez (2020), 40% do público do site do jornal vem da América. Em 2020 o jornal que até então era gratuito passou a cobrar mensalidade para aqueles que quiserem acessar as versões em espanhol do site. A versão brasileira segue gratuita, por enquanto, mas já foi anunciado que cobrarão mensalidades.

Com mais de 400 jornalistas em sua equipe o *El País* se orgulha, segundo Jiménez (2020) de ter profissionais alinhados com seus ideais de ousadia, democracia e defesa da justiça social. O veículo também valoriza ter em sua equipe colunistas renomados, como Gabriel García Márquez e Fernando Savater.

Atuando como colunista no *El País*, Vivar e Abib (2018) acreditam que Brum pode somar aos seus textos a opinião e as possibilidades de ampliação de vozes trazidas pela internet. Segundo os autores, isso permitiu que as colunas de Brum fossem um espaço de experimentação no qual não havia um formato fixo de texto.

Essa experimentação permite a criação de um “estilo Eliane Brum” de escrita de colunas que, de acordo com Antônio Jemenéz Barca, diretor do *El País* Brasil entrevistado por Vivar e Abib (2018) é um misto de reportagem, coluna de opinião e crônica. O tradutor dos textos de Brum, Óscar Curros, concorda com Barca.

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarrelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora (*apud* VIVAR e ABIB, 2018, p. 31).

Para Vivar e Abib (2018) o gênero criado por Brum é o Jornalismo do Desacontecimento, caracterizado por uma visão complexa, que não busca respostas fáceis e sim o aprofundamento de todas as questões tratadas no texto. Esse pensamento complexo, segundo os autores, faz com que a jornalista leve seus debates para outras áreas, diferenciando-se dos demais ao problematizar questões e ampliar horizontes.

Contudo, o trabalho de Brum mudou significativamente em especial no ano de 2019, quando se dedicou a falar mais sobre o contexto político brasileiro. Um dos indicativos dessa mudança foi sua nomeação e vitória no prêmio Comunique-se 2019 na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuem na editoria de política nacional. Em 2018 ela havia ganhando o mesmo prêmio na categoria “Colunista de opinião”³.

Nesse contexto, este artigo se propõe a fazer uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) das 26 colunas publicadas pela jornalista em 2019. As colunas foram publicadas no jornal global El País e serão analisadas segundo as fontes e personagens utilizadas pela jornalista com objetivo de averiguar se elas mais se aproximam do jornalismo do desacontecimento ou da objetividade.

FONTES E PERSONAGENS NAS COLUNA DE BRUM

Fontes e personagens são centrais para a caracterização de um texto como parte do jornalismo do desacontecimento. Quadros (2018) concluiu que Eliane Brum priorizava fontes que eram excluídas pela sociedade em seus livros *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*. Segundo a autora, o fator de exclusão mais recorrente era a pobreza, mas também eram usados como critério a presença de deficiência, a idade, o gênero e a região que habita. Em 2019, porém, ao mudar para o gênero de colunas políticas, Eliane Brum não ouviu com frequência pessoas que podem ser consideradas excluídas pela sociedade.

Observa-se que, usualmente, Eliane Brum não recorre a entrevistas feitas exclusivamente para o texto para extrair as falas de suas fontes. Falas de figuras públicas são retiradas de discursos – e possivelmente obtidas pela jornalista por meio da imprensa –, ou mesmo retiradas de entrevistas dadas a outros jornalistas ou à própria Brum em outro momento, ou de conteúdos publicados pelas próprias figuras públicas em suas redes

³ Informações disponíveis em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299_432497.html> e <<https://premio.comunique-se.com.br/ShowMateria.aspx?idMateria=vPDDeoYodhdPm86ZQyVwUxg==>> Acessados em 22 de janeiro de 2019.

sociais digitais. O mesmo acontece com especialistas. Até mesmo falas de pessoas anônimas são obtidas indiretamente pela jornalista, como é o caso do índio entrevistado pelo antropólogo Guilherme Heurich.

Entre as fontes que parecem ter sido entrevistadas por Brum são ouvidas pontualmente, para ajudar a endossar a argumentação feita pela jornalista em seus textos e, talvez por esta razão, foram selecionadas pessoas que não podem ser entendidas como pertencentes a uma camada excluída pela sociedade. Ao contrário, na maioria das vezes Brum recorre a especialistas, cuja credibilidade é reconhecida socialmente.

Como aponta Traquina, pode-se afirmar que, de certa forma, é reforçada a fala de estruturas primárias da sociedade, ou seja, fontes autorizadas e institucionalizadas que se referem a especialistas que falam em nome de determinações organizações muitas vezes ligadas a instituições governamentais ou de grupos e movimentos da sociedade civil reconhecidamente consolidados e respeitados na área, como pesquisadores.

São exceções à essa regra o ativista Erasmo Alves Teófilo, que tem apenas uma frase destacada pela jornalista que, em seguida, a contesta, a pescadora Sara Rodrigues de Lima, também com apenas uma frase, Iracy Resplandes dos Santos, cujos parentes foram assassinados por grileiros, a menina com nome de rua, seu irmão, sua mãe e sua avó, todos sem nomes apresentados. É comum que pessoas consideradas de camadas invisibilizadas pela sociedade sejam apresentadas sem nome ou de forma conjunta quando citadas. Apenas o empresário Jorge Hoelzel e o padre Augusto Zampini-Davies aparecem em um formato de entrevista em ping-pong e recebem, conseqüentemente, mais destaque que os demais. Nenhum deles pode ser considerado um “invisível”.

Mas a principal fonte de Eliane Brum são os noticiários. É frequente que Brum faça citações de textos e mesmo entrevistas dadas a outros jornalistas. Quando essas referências foram feitas explicitamente elas foram incluídas como fontes na tabela acima, contudo, é plausível acreditar que, quando não é possível identificar como Brum conseguiu as declarações que menciona elas tenham sido retiradas da imprensa. Ademais, Brum elenca notícias em suas colunas, esses fatos foram provavelmente retirados também do noticiário. Algumas vezes esses acontecimentos são acompanhados de hiperlinks para as notícias referidas, como veremos em detalhes posteriormente, e outros não, o que não significa que sejam fruto de uma apuração individual da jornalista.

Embora não tenha sido elencada como fonte, Brum faz referências frequentes a textos seus publicados anteriormente. Essa autorreferência, faz com que a jornalista se

configure como personagens de seus textos. Aqui, entendemos personagem conforme a definição do dicionário Michaelis de Língua portuguesa: “Pessoa que desfruta de atenção por suas qualidades, habilidades ou comportamento singular e diferenciado”⁴.

Nesse sentido, é possível compreender que Brum recorre a alguns personagens ao longo de sua narrativa no ano de 2019, sendo eles: Jair Bolsonaro, a própria Eliane Brum e Greta Thunberg. Essas três figuras foram entendidas como personagens pois desfrutaram da atenção de Brum recorrentemente, apesar disso, nenhuma dessas figuras foi entrevistada por Eliane Brum para a produção de seus textos, ainda que tenham suas falas mencionadas com frequência.

Jair Bolsonaro é o personagem de maior destaque. O presidente da República foi mencionado em todos os textos publicados por Brum em 2019, contando com 516 menções explícitas ao seu nome. Pode-se dizer que Bolsonaro é o vilão dos textos de Eliane Brum, sendo sempre criticado em suas ações, descrito como inábil para governar e apelidado pela jornalista de “antipresidente”.

Se Bolsonaro é o vilão, Greta Thunberg é a heroína. Ao contrário do que acontece com as críticas, Eliane Brum não elogia abertamente. Mesmo assim, a adolescente sueca parece ser vista com admiração pela jornalista por sua atuação em defesa do meio ambiente. Ao todo, Greta é mencionada 59 vezes ao longo de sete textos, um número muito inferior ao de Bolsonaro.

Já a própria Eliane Brum serve de personagem em alguns de seus textos. Além das menções a textos anteriores, em dois momentos a jornalista faz aberturas literárias de suas colunas que a colocam como protagonista da história. Isso acontece em “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, quando a jornalista narra o momento em que ela descobriu que Marielle Franco tinha sido assassinada e novamente em “Empresários não podem ser batedores de carteira”, quando Brum conta sua história com a borracha Mercur e também seu primeiro encontro com o empresário Jorge Holzel, acionista da empresa de borrachas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de pessoas ordinárias, invisíveis, é uma das características mais notáveis dos textos de Eliane Brum escritos ao longo de 2019. Brum prefere dar destaque

⁴ PERSONAGEM. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/personagem/>> Acesso em 3 de janeiro de 2021.

a fontes oficiais, compostas por especialistas e mesmo outros jornalistas. Muitas falas de políticos são citadas, mas elas não provêm de entrevistas feitas pela jornalista e sim retiradas de outros contextos. Ainda assim, a forte presença de políticos já havia sido apontada por Coutinho (2005) em colunas de outros jornalistas.

Além disso, raramente as fontes são de fato ouvidas pela jornalista e os documentos apresentados como provas auxiliares, bem como a fala de especialistas, são consonantes com a argumentação de Brum e estão ali apenas como uma estratégia de possibilidade de contraditório que, como explica Tuchman (1996), é usada para criar uma ilusão de consenso e verdade.

REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra, ESCOBAR, Juliana e CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs de política. **Revista FAMECOS**, nº 33, agosto de 2007, p. 29-40.

ARIAS, Juan. **O EL PAÍS é um jornal de esquerda?** El País. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/22/opinion/1487788532_309244.html> Acesso em 24 de junho de 2020.

ATUAL. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atual/>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006. 204p.

_____. **O homem mediano assume o poder**. El País. 2019a. Disponível em: <<http://bit.ly/2CNdqdb>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O chanceler quer apagar a história do Brasil**. El País. 2019b. Disponível em: <<http://bit.ly/2Mj4Hmw>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Mourão, o moderado**. El País. 2019c. Disponível em: <<http://bit.ly/2TIMO9d>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **As crianças tomam conta do mundo**. El País. 2019d. Disponível em: <<http://bit.ly/2IHqWo1>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter**. El País. 2019e. Disponível em: <<http://bit.ly/2IYY6zD>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Quem mandou matar Marielle? E por quê?** El País. 2019f. Disponível em: <<http://bit.ly/2XUbo3D>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Bolsonaro manda festejar o crime.** El País. 2019g. Disponível em: <<http://bit.ly/2HHKGXh>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Cem dias sob o domínio dos perversos.** El País. 2019h. Disponível em: <<http://bit.ly/2OZpl6M>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O “mártir” governa.** El País. 2019i. Disponível em: <<http://bit.ly/2IFqHZs>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **EU + UM + UM + UM+.** El País. 2019j. Disponível em: <<http://bit.ly/2W38FGT>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação.** El País. 2019k. Disponível em: <<http://bit.ly/2JybV7n>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **A potência da primeira geração sem esperança.** El País. 2019l. Disponível em: <<http://bit.ly/2WKHQaR>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo.** El País. 2019m. Disponível em: <<http://bit.ly/2ZtvOjU>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **MBL usa o aborto para reposicionar a marca.** El País. 2019n. Disponível em: <<http://bit.ly/2RR2G3p>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **“Empresários não podem ser batedores de carteiras”.** El País. 2019o. Disponível em: <<http://bit.ly/30IuxGb>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Doente de Brasil.** El País. 2019p. Disponível em: <<http://bit.ly/2MtYLSG>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **As crianças de Altamira.** El País. 2019q. Disponível em: <<http://bit.ly/2z0CIHA>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Bolsonaro está espionando o Papa?** El País. 2019r. Disponível em: <<https://bit.ly/2khZOk4>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **“A notícia é esta: o Xingu vai morrer”.** El País. 2019s. Disponível em: <<https://bit.ly/2mk5oTr>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Como vocês se atrevem?** El País. 2019t. Disponível em: <<http://bit.ly/2ISKnQ6>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Um Cristo amazônico... e mulher?** El País. 2019u. Disponível em: <<http://bit.ly/2p7eWCG>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Lula livre, sim, mas sem fraudar a história.** El País. 2019v. Disponível em: <<http://bit.ly/32LtGGa>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco.** El País. 2019w. Disponível em: <<http://bit.ly/2NviBUE>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas).** El País. 2019x. Disponível em: <<http://bit.ly/2OqLamH>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Belo Monte, a obra que une os polos políticos.** El País. 2019y. Disponível em: <<http://bit.ly/2sTG8XA>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento.** El País. 2019z. Disponível em: <<http://bit.ly/2MktMyr>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência.** São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder:** representação nas páginas de Jornal. Rio de Janeiro (RJ): tese, 2005.

FONSECA, Isabel de Assis. **Guinada subjetiva no jornalismo:** um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus, 4-7, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0287-1.pdf>> Acesso em: 3 de agosto de 2016.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JIMÉNEZ, Carla. **O EL PAÍS vai mudar, para melhor.** Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-01/o-el-pais-vai-mudar-para-melhor.html>> Acesso em 29 de junho de 2020.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985. 166p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

QUADROS, Ana Resende. **Marcas de um olhar:** um estudo das obras de Eliane Brum. Monografia (Graduação em Comunicação Social- Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de São João del-Rei.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:** Questões, Teorias e “Estórias”. Lisboa: Vega Editora, 1996.

VIVAR, Jesús Miguel Flores e ABIB, Tayane Aidar. O expediente da argumentação no jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao El País Brasil. **Comunicação & Inovação**, revista online, v. 19, nº40, 2018. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5175/2471> Acesso em 24 de junho de 2020.